

FEIRA LIVRE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA

Greiziene Araujo Queiroz¹
Clarice Gonçalves S. de Oliveira²

RESUMO

O objetivo desse artigo é relatar a experiência de uma aula de campo, realizada numa feira livre, tendo-a como suporte metodológico viável para o ensino de geografia. A feira livre, colocada como um laboratório e também uma possibilidade metodológica, permitiu, mediante a aplicação da observação direta, a detecção dos diversos elementos que a compõe. De modo complementar, fotografamos os diversos ambientes e aplicamos questionários e entrevistas a dez feirantes e dez consumidores, escolhidos aleatoriamente e por segmento, buscando coletar dados referentes à origem dos produtos, formas de pagamento, organização do trabalho, entre outros. Para o desenvolvimento do trabalho contamos com a participação de 20 alunos - escolhidos mediante sorteio-, 50% do total de alunos do 3º ano do ensino médio do Colégio Manuel Novais, da cidade de Ibicuí-Bahia. Os dados obtidos sobre a feira estudada nos permitiu relacionar os diversos elementos nela constantes, correlacioná-los nas diversas escalas - local/regional/global-, bem como produzir uma análise da realidade local pelo viés da Geografia nos permitindo concluir que a feira, ou seja, o estudo de uma feira livre se confirma como uma eficiente ferramenta pedagógica para o ensino de Geografia.

Palavras-chave: Ferramenta pedagógica. Metodologia. Aula de campo.

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo da Geografia é o espaço, ou seja, um conjunto intrínseco de objetos e ações, a expressão material desse espaço é a sociedade. Assim, o papel da Geografia na Educação Básica é imprescindível por objetivar a compreensão das relações socioespaciais, sejam elas econômicas, políticas ou culturais.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas. Professora de Geografia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. E-mail: greiziene@gmail.com

² Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia- UFBA. Professora aposentada do curso de Licenciatura em Geografia da UESC. E-mail: claamo@uol.com.br

A compreensão da sociedade perpassa por uma leitura da mesma. Segundo Callai (2005, p.228) “uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens”. Desse modo, ensinar e apreender Geografia vai muito além da memorização de conteúdos e conceitos que, muitas vezes, estão distantes da realidade dos alunos.

A problemática do distanciamento, aluno-conteúdo, e da conseqüente desmotivação tem prejudicado a qualidade do ensino de Geografia. É importante que o professor utilize recursos e metodologias distintas para melhorar e estimular os alunos em aulas e promover de forma efetiva o processo de ensino-aprendizagem. Para Justen (2010, p.5) “As saídas de campo são uma atividade que pode auxiliar o professor a estimular os alunos, tornando as aulas mais interessantes e assiste a ambos no processo de ensino-aprendizagem”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais “é possível trazer o mundo para a sala de aula, mas é também importante levar os alunos para fora dela” (PCN 1998, p.34). Sair das paredes da escola, da abstração teórica para prosseguir com uma abordagem concreta, palpável que permita ao aluno observar, sentir, perceber, descrever e analisar a realidade humana são recursos metodológicos que devem estar presentes no ensino de geografia.

Nessa perspectiva propomos o trabalho de campo com alunos do terceiro ano do ensino médio na feira livre do município de Ibicuí- BA, tendo como objetivo norteador compreender aspectos da feira livre a partir de uma abordagem geográfica. Compreendemos que esse subespaço é um convite aos sentidos, considerando que tudo que se vê, ouve e percebe é passível de uma análise geográfica, como os produtos ofertados, os fluxos de pessoas e mercadorias, as relações de trabalho existentes no local, os circuitos produtivos que envolvem todas as etapas da produção, o perfil do consumidor, a paisagem adjacente, entre outros.

A feira caracteriza-se por suas particularidades de cheiro, sons e cores. Trata-se de uma paisagem plena de ambulantes, feirantes, fregueses, transportes e transeuntes gerando uma espécie de “caos”, mas que segue a sua própria ordem. A pesquisa na feira livre constitui-se em um laboratório para a pesquisa geográfica onde é possível correlacionar as diversas escalas- local/regional/global- a partir de comparações e análise dos elementos encontrados no lugar. Assim, a relevância deste estudo se dá pelo incentivo à pesquisa e geração de autonomia nos alunos, na medida em que procura despertar o interesse e aprimorar olhar sob os elementos do cotidiano.

2 O TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Segundo Paulo Freire (1996) ensinar e aprender exige curiosidade. Exercer a curiosidade nos remete a perguntas, análises e a construção do conhecimento sobre o objeto estudado. Para isto, “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE 1996, p.53).

Estimular a curiosidade é um desafio para escola do século XXI. Sabe-se que muitos dos nossos alunos estão submersos na tecnologia onde a *internet* possibilita a obtenção de respostas prontas numa velocidade assustadora. Cabe ao professor, promover uma atmosfera de espontaneidade, criatividade, que priorize a construção do conhecimento e autonomia dos alunos.

Partindo desse pressuposto, é difícil acreditar que aulas tradicionalmente expositivas sejam suficientes para despertar um espírito investigativo e reflexivo nos cidadãos que buscamos formar. O ensino de geografia na educação básica tem o dever de formar indivíduos conscientes do espaço em que vivem. É nessa perspectiva da curiosidade e da reflexão que o trabalho de campo pode contribuir para que o aluno seja um sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem.

É necessário que o professor de geografia tenha em mente quais habilidades ele deseja desenvolver ou aprimorar em seus alunos. Para tanto, Compiani e Carneiro (1993) classificaram as saídas de campo de acordo com seu papel didático, definidas como: motivadoras, treinadoras, indutivas, investigativas e ilustrativas (Quadro 1).

Quadro 1: Classificação das saídas de campo.

Papel didático	Característica
Motivadoras	Despertar o interesse e a curiosidade dos alunos para determinado problema.
Treinadoras	Treinar habilidades, geralmente com o uso de instrumentos e aparatos científicos.
Indutivas	Resolver um problema dado, o ensino é dirigido e semidirigido.
Investigativas	Resolução de problemas no Campo e a elaboração de hipóteses para serem pesquisadas.
Ilustrativas	Reforçar ou mostrar os conteúdos estudados em sala.

Fonte: Compiani e Carneiro (1993). Adaptado.

O professor de geografia pode associar duas modalidades de trabalho de campo, por exemplo: Motivadoras com treinadoras ou ilustrativas com indutivas. É importante mobilizar e motivar os estudantes em torno do problema pesquisado e explorar as ideias que estes possuem acerca do objeto estudado.

Autores como Demo (2005) e Ens (2006) entre outros, ressaltam a relevância da pesquisa na construção do conhecimento. Pedro Demo (2000) na obra intitulada “Educar pela pesquisa” pondera sobre essa prática na educação básica e enfatiza a necessidade de unir teoria e prática de forma fundamentada e aprofundada dentro do tema da disciplina. O ato de investigar pode tornar a aprendizagem significativa e prazerosa.

Os conteúdos trabalhados em sala de aula podem ganhar um novo sentido quando vivenciados. No livro didático o aluno estuda a população brasileira, mas só em campo é possível perceber que essa população se organiza como sociedade. Dessa forma, o espaço representado nos mapas, às pirâmides etárias, os gráficos e tabelas comumente utilizadas em sala de aula, ganham vida e movimento. As atividades de campo “são fundamentais para colocar o estudante em contato com o meio, e possibilitar sua percepção da inter-relação entre os aspectos físicos e humanos” (SCORTEGAGNA 2001, p. 17).

O trabalho de campo no ensino de geografia deve ocupar um papel de destaque como prática pedagógica. Os alunos devem ser motivados a perguntar: Por quê? Essa pergunta exige investigação, explicação e uma contínua busca pelo conhecimento. Toda via, as respostas e interpretação da realidade devem ser embasadas no conhecimento geográfico sem perder de vista que nosso objeto é o espaço, mas o objetivo é a sociedade.

2 METODOLOGIA

A proposta metodológica dessa pesquisa constitui-se no trabalho de campo realizado na feira livre de Ibicuí-Ba. A metodologia foi aplicada com alunos do terceiro ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Manuel Novaes.

A característica principal dessa metodologia é estabelecer uma conexão entre o saber teórico e a prática, possibilitando ao educando tornar-se investigador, sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem. Atividades nessa modalidade de investigação e pesquisa são recursos educacionais indispensáveis à construção do conhecimento.

Como toda atividade pedagógica, o trabalho de campo na feira livre deve ser planejado. Relatamos a seguir todos os passos que foram necessários para aplicação da metodologia proposta.

1º Passo: Ponto de partida

Definição dos conceitos e conteúdos trabalhados em campo. Exemplos: Paisagem, lugar, território, globalização e circuitos espaciais produtivos (produção, circulação, comércio, e consumo).

2º Passo: Estabelecendo um alvo

Elaboração de um pré-projeto baseado no levantamento bibliográfico, definição de objetivos e metodologia.

3º Passo: O aval

Visita prévia a escola para apresentação da proposta a professora de geografia e direção. É necessário obter o aceite para o trabalho e assegurar envolvimento da escola e dos educandos.

4º Passo: Conhecendo o objeto de estudo

Realização de um campo piloto na feira livre, através do qual foram obtidos registros fotográficos. A partir de conversas informais com feirantes e observação do lugar foi possível elaborar estratégias para execução do trabalho campo.

5º Passo: Organização

Elaboração do material de campo. Todas as atividades realizadas pelos alunos foram subsidiadas com o material de apoio que consistiu em: (a) Planilha de caracterização da feira livre: tipologia dos segmentos (produtos) comercializados, estrutura e quantidade dos estabelecimentos de um mesmo segmento; (b) Planilha de caracterização dos materiais e recursos disponíveis: água, eletricidade, balanças, embalagens, objetos para o corte, recipientes de armazenamento de produtos, ente outros; (c) Questionário estruturado aplicado aos feirantes; (d) Questionário estruturado aplicado aos consumidores da feira livre.

6º Passo: Para que serve a Geografia?

De volta à escola foi realizado um debate com os estudantes para sondar o conhecimento prévio sobre a geografia e a feira livre a partir de questionamentos: Qual a importância de se estudar geografia? Qual o objeto e objetivo da geografia? A geografia ajuda na compreensão do cotidiano e do mundo? Você conhece a feira livre da sua cidade? Com que frequência você vai à feira? É possível estudar geografia a partir da feira livre? Após o debate os educandos foram orientados como deveriam se portar na feira, o que vestir e calçar, o dia, horário e local do encontro para realização do trabalho de campo.

7º Passo: A prática

O trabalho de campo começou às 07h e 30min da manhã de sábado. Após reunir todo o grupo foram abordadas algumas temáticas: breve histórico sobre o surgimento e importância da feira livre para as sociedades e definição dos conceitos de lugar, paisagem e território utilizando como exemplo o município e a feira livre com a contribuição dos estudantes. O segundo momento consistiu na organização de grupos de trabalho. Cada grupo (G) pesquisaria uma determinada área da feira (Figura 1) definida pelos pontos cardeais e área interna da feira: G1 Norte, G 2 Sul, G 3 Leste, G 4 Oeste e G 5 interno.



Figura 1: Imagem de satélite da feira livre de Ibicuí-Bahia, 2013. Fonte: Google maps.

No terceiro momento os alunos recebem instruções de como realizar a pesquisa. De posse da primeira planilha os alunos se deslocaram para os pontos pré-estabelecidos, dessa vez para levantar dados que viabilizassem a caracterização dos estabelecimentos comerciais. Foi estabelecido um tempo máximo (20 minutos) para o retorno com as informações. Acompanhamos cada grupo por alguns minutos para dirimir as dúvidas e observar o trabalho que estes realizavam.

No retorno ao ponto de encontro cada grupo socializava suas informações e estabelecia um debate para comparar os dados, observar as particularidades e fazer as devidas inferências a partir da leitura dos usos do território na feira livre. O debate foi mediado pela professora de geografia e todas as etapas seguiram a mesma configuração. Assim, seguiu-se a

segunda planilha com a caracterização dos materiais e recursos disponíveis e as entrevistas aos feirantes e consumidores.

Após a pesquisa as equipes retornam ao colégio para um lanche. Também, foram orientadas a escrever um pequeno texto sobre a experiência da aula prática de geografia na feira livre. Esse momento foi fundamental para avaliar a validade da metodologia proposta.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa pesquisa os educandos elaboraram uma caracterização da feira livre do Ibicuí. Nessa atividade foi pontuada a estrutura dos estabelecimentos e a diversidade de produtos ofertados (Figura 2). A estrutura revela as diversas formas encontradas para sobreviver nessa atividade. Foram catalogadas: barracas de madeira cobertas e sem cobertura, boxe de cimento, e lonas espalhadas pelo chão (Quadro 2). Em muitos casos é o produtor que comercializa seu produto e não dispõe de recursos necessários para investir na infraestrutura. As características mais marcantes dessa atividade é o capital reduzido e o trabalho intensivo.



Figura 2: Mosaico de fotografias da feira livre de Ibicuí-Ba. Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Orientação	Segmento	Nº de est.	Estrutura	Informações Complementares
Norte	Frutas e verduras	35	Lonas e barracas	Cenoura, jenipapo, etc.
Norte	Vestuário	1	Lona	Masculino e feminino
Norte	Variedades	2	Barraca	Acessórios
Norte	Derivados de leite	1	Barraca	Requeijão
Norte	Utensílios domésticos	1	Lona	Panelas
Norte	Derivados de mandioca	1	Barraca	Beiju
Norte	Artesanato	2	Lonas e carrinho	Flores e cestos
Norte	Lanches	1	Barraca	Pastel e caldo de cana
Sul	Frutas e verduras	2	Lona	
Sul	Confeções	1	Lona	Cama, mesa e banho
Sul	Lanches	3	Barraca	Sorvetes e acarajé
Sul	Variedades	5	Barracas	Bonés, brincos e relógios.
Sul	Derivados de mandioca	9	Barraca	Farinha
Sul	Cereais	1	Lona	
Leste	Calçados	2	Barraca e lona	Sapatos, tênis e botas.
Leste	Variedades	4	Barraca e lona	CD DVD e artesanato
Leste	Frigorífico	8	Barraca e boxe	Carnes bovinas e suínas
Oeste	Hortaliças	10	Barraca	Couve, coentro e alface.
Oeste	Frutas e verduras	11	Barraca	Abacaxi, abóbora, batata, etc.
Oeste	Condimentos	2	Barraca	Alecrim, cominho, etc.
Oeste	Confeções	1	Barraca	Cama, mesa e banho.
Oeste	Vestuário	4	Barraca e lona	Masculino e feminino
Oeste	Barbearia	1	Boxe	Corte de cabelo e barba
Interior	Frutas e verduras	19	Barraca	Banana, manga, etc.
Interior	Lanches	14	Barraca e boxe	Pastelaria, cocadas e sorvetes
Interior	Derivados de mandioca	7	Barraca	Beju, biscoitos e farinha.
Interior	Condimentos	2	Barraca	Corantes e cominho
Interior	Remédios naturais		Barraca	Noz-moscada, pau de sapo, etc.

Quadro 2: Caracterização da feira livre de Ibicuí-BA. Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Quanto à diversidade de mercadorias observaram-se produtos ligados ao setor primário – frutas, verduras, cereais e carnes de porco, boi e frango - e secundário com produtos industrializados como confeções, calçados, mp3 e relógios. O setor de frutas e verduras é o que apresenta maior concorrência interna (dentro da feira) por ser o segmento em maior número. O segmento de confeções possui maior concorrência no entorno por lojas que vedem a crédito e

com preços baixos. Na realidade, os comerciantes da feira tem sofrido o crescimento do comércio da cidade principalmente no ramo de supermercados que tem aumentado com frequência. Percebe-se que o entorno da feira é tomado por lojas que se aproveitam do fluxo de pessoas e dinheiro gerados pela feira livre.

Podemos firmar que o espaço “divide-se” em duas zonas. Uma onde “o capital acumulado pode permitir uma exploração tecnicamente superior”; na outra, “os meios rudimentares são os únicos a disposição de uma mão-de-obra desprovida de dinheiro” (SANTOS, 2009a, p.126). O que efetivamente ocorre é que os agentes envolvidos na dinâmica da feira livre encontram-se marginalizados frente ao processo de globalização. Contudo, eles se reinventam para sobreviver e aproveitam da própria globalização para gerar renda. É o caso dos comerciantes de cd e dvd que fazem cópias de álbuns nacionais e internacionais. Com esse exemplo buscamos elucidar aos alunos como o mundo se realiza no local. Nesse sentido o “lugar é sempre um espaço presente dado como um todo... o que faz com que a vida de relações ganhe impulso na articulação entre o próximo e o distante” (CARLOS, 1993, p.23).

Outros aspectos pesquisados pelos estudantes foram objetos e recursos utilizados pelos feirantes. Os instrumentos de trabalho contam a história da evolução das técnicas ou, nesse caso, dos homens que permanecem em “tempos lentos e hegemônicos” resultado de uma modernização seletiva do território (SANTOS, 2009b, p. 95). Entre os objetos e recursos identificados pelos educandos estão às sacolas, caixotes de madeira, facas, balanças, isopor, caixas de papelão, caixotes plásticos, recipientes plásticos, papel, água e eletricidade.

As poucas barracas que encontramos energia e água foram as de lanche, mesmo nos açougues que possuem necessidade de refrigeração e de limpeza no manuseio das carnes não foram detectados esses recursos. A presença de balanças também é pouco frequente. Os feirantes criam os seus próprios sistemas de medida como: a touca, litro, ruma (pequena porção), copo, saco, entre outros. No setor de temperos as medidas são baseadas em um copo pequeno e, a partir daí se estabelece o preço. O setor de frutas e verduras segue duas configurações: a primeira comporta os produtos de baixa qualidade, comercializados na touca ou ruma, previamente organizadas pelo vendedor; a segunda são os produtos de melhor qualidade em que o cliente faz a escolha do produto e o preço é estabelecido por unidade, exemplo, oito laranjas por um real. Dessa forma todos os agentes conseguem comercializar seus produtos mesmo sem um aparato técnico devido. Assim, fixa no lugar e territorializa determinada porção através das práticas e da normatização informal que esse território assume.

O comércio é uma atividade milenar que perpassa a história do meio geográfico: natural, técnico e técnico científico informacional. Primeiro com o escambo ou trocas de mercadorias, sem

a utilização do dinheiro; posteriormente temos o surgimento das feiras do comércio a partir de metais preciosos e a utilização do dinheiro; e a última etapa baseada no dinheiro virtual, nas compras internacionais e via internet. As feiras livres de pequenas cidades como Ibicuí ainda encontra-se na fase técnica onde “A ferramenta é movida pela força do homem, inteiramente sob o seu controle” (SANTOS, 2006, p. 112).

Nesse processo de mudanças todos agentes são transformados. Não são apenas as técnicas que são alteradas, as formas de produzir e consumir também são. Segundo o relato dos comerciantes o fluxo de consumidores na feira livre tem diminuído com o passar dos anos. Até mesmo alguns comerciantes deixaram a feira de Ibicuí para trabalhar em feiras de cidades vizinhas devido ao baixo rendimento no setor. Outro fator preponderante é o crescimento do comércio, lojas de confecções e supermercados, no entorno da feira livre que oferece maior conforto e melhores condições de pagamento.

Pensado nisso, questionamos os alunos: Por que as pessoas ainda compram na feira livre? Nosso intuito não foi trazer uma resposta pronta, mas fazê-los interrogar os consumidores, pois foram estes que fizeram essa opção. O objetivo dessas entrevistas não foi, de forma alguma, quantificar os dados, mas estabelecer um diálogo entre estudantes pesquisadores e pesquisados. Da mesma forma foram às entrevistas com os comerciantes, não poderíamos ter como objeto de estudo a feira livre sem um contato com o produtor-comerciante que é um importante protagonista dessa história.

A entrevista ao consumidor possuía sete questões que objetivavam captar a motivação do indivíduo de frequentar a feira e seu local de origem. Todos os entrevistados (10 consumidores) pertenciam ao município de Ibicuí dividindo-se entre zona urbana e rural. A motivação resumiu-se em: oferta de produto fresco (5), hábito (4) e qualidade do produto (1). Todos os consumidores assumiram pechinchar na hora da compra – algo inviável nos supermercados – pesquisarem o preço, conhecer os feirantes e frequentam a feira há muitos anos.

Boechat e Santos (2009, p.10) ao entrevistar frequentadores da feira livre de Santo Antônio de Jesus-Baconstatou que 65% dos entrevistados em sua pesquisa possuíam relações de amizade com os feirantes, trocavam informações sobre alimentação, remédios naturais, contavam histórias, extrapolando a relação de vendedor e consumidor. As feiras livres constituem-se num espaço de interação social. Deste modo, a história do lugar “tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso” (CARLOS, 1993, p. 20).

Nas entrevistas realizadas aos comerciantes foi possível abordar conteúdos como redes, fluxos e solidariedade entre os lugares. Isso porque os questionários compostos por 11 questões

estruturadas baseavam-se em questões como: a origem dos comerciantes e produtos, formas de pagamento, quadro de funcionários, regras de convivência entre os feirantes, dentre outras (Quadro 3).

Origem do comerciante	Zona rural e urbana de Ibicuí, Iguai e Floresta Azul.
Origem do produto	Vitória da Conquista, Iguai, Porções, São Paulo, Minas Gerais e Zona rural de Ibicuí.
Formas de Pagamento	Avista e fiado.
Quadro de funcionários	Não funcionários formais. Baseia-se no trabalho familiar.
Circulação do produto	Ônibus escolar municipal, ônibus intermunicipal e veículos fretados.
Regras entre feirantes	Manter o lugar limpo e respeitar a demarcação de cada território.

Quadro 3: Entrevista aos comerciantes da feira livre de Ibicuí-Ba. Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Na pequena amostra (10 entrevistas) realizada constatou-se que a composição dos feirantes está ligada ao município de Ibicuí e municípios vizinhos. Alguns dos entrevistados que trabalham com confecções ainda relataram que trabalham em outras feiras aos domingos, para complementar a renda. Já os que trabalham com agricultura familiar só participam da feira de Ibicuí, por se dividir entre produção e comércio. A origem dos produtos ultrapassa as fronteiras regionais como os calçados e confecções provenientes de Minas Gerais e São Paulo tendo como local de distribuição Vitória da Conquista.

A organização do trabalho na feira livre de Ibicuí-Ba geralmente possui vínculo familiar. Não há trabalho formalizado e divisão nítida do trabalho como em outros segmentos comerciais. A jornada de trabalho começa no final da tarde de sexta feira e acaba ao meio dia do sábado. Segundo os comerciantes entrevistados é cada vez menor o fluxo de pessoas na feira livre. O comerciante tem enfrentado dificuldades na realização da sua atividade em virtude da precariedade dos meios de produção, da concorrência com o comércio local e na falta de assistência e políticas eficientes do poder público.

A feira livre ainda resiste em municípios como resposta às necessidades de consumo, em grande parte, de uma população de baixa renda. O consumo de produtos na feira livre pode desenhar uma sociedade estratificada onde o espaço é “dividido”, segundo Santos (2004, p.37) isto está ligado “à existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas”. Em muitos casos comerciantes e consumidores partilham de uma mesma realidade social de exclusão.

5 CONCLUSÃO

O trabalho de campo no ensino de geografia contribui para diversas leituras e reflexões sobre o lugar e a sociedade nele inserida. A maioria dos alunos afirmou não frequentar a feira livre de Ibicuí. No entanto, na fase das entrevistas houve um entrosamento entre alunos pesquisadores e entrevistados. A empatia é fundamental para realização da pesquisa quando se objetiva levantar dados primários.

A metodologia empregada nessa pesquisa se mostrou eficiente como ferramenta pedagógica para aula de Geografia. O primeiro aspecto positivo é não estar preso a um único conteúdo, por permitir uma flexibilidade do conteúdo programático na medida em que as observações e inquietações surgiram. É também no trabalho de campo que os conceitos geográficos se materializam e saem da abstração das quatro paredes da sala de aula.

Os educandos, quando questionados sobre a afinidade e importância da ciência geográfica responderam: “é chata, “decoreba”, “é importante, mas enfadonha” e “fala do mundo”. Após a aula na feira livre eles escreveram sobre a experiência como: “uma visão nova sobre os produtos”, uma “aula interessante”, “passamos a ter conhecimento sobre o trabalho dos feirantes e consumo da população”, “podemos ver como a geografia faz parte do nosso dia a dia” e “gratificante, tivemos um contato direto com as pessoas”. Podemos concluir que o objetivo traçado foi alcançado, não por transferir mais conteúdos de Geografia, mas por despertar indivíduos para uma nova leitura de mundo a partir do seu lugar.

FLEA MARKET: A METHODOLOGICAL PROPOSAL FOR GEOGRAPHY TEACHING

ABSTRACT

The aim of this paper is to report the experience of a field class held at a flea market, using it as a viable methodological support for geography teaching. By placing the open market as a laboratory as well as a methodological possibility permitted us by means of direct observation, detect the various elements that compose it. In a complementary approach, we photographed the various environments and chose at random and by sector ten marketers and ten consumers to be submitted to questionnaires and interviews in order to get information about the origin of the products, payment methods and work organization among other things. For the development of this work, we counted on the participation of 20 students, chosen by drawing lots, representing 50% of the 3rd year of high school from Colégio Novais, in the town of Ibicuí-Bahia. The data collected on the studied flea market not only allowed us to relate the various elements contained in it and correlate them in different scales - local/regional/global, as well as produce an analysis of the local reality of Geography bias by consenting us to conclude that the fair, that is, the study of an open market is confirmed as an effective pedagogical tool for geography teaching.

Keywords: Pedagogical tool. Methodology. Field class.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BOECHAT, P, T, V. & SANTOS, J. L. **Feira livre: dinâmicas espaciais e relações indetitárias.** Disponível em: <www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p.pdf>. Acesso em 16 de Outubro de 2013.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo:** a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 15 de Abril de 2012.

COMPIANI, M. & CARNEIRO, C. D. R. 1993. **Os papéis didáticos das excursões geológicas.** Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, n.1-2, p.90-98.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Autores associados, 2000.

_____. Professor do futuro e reconstrução do conhecimento. In: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre. (Org.). **Formação de professores: passado, presente e futuro.** São Paulo: Cortez, 2004, p. 113-127.

ENS, R. T. **Significados da pesquisa segundo alunos e professores de um curso de pedagogia.** 2006. 138 p. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUSTEN, R. **Trabalhos de campo na disciplina geografia: um olhar sobre a educação básica em Ponta Grossa (PR).** 2010.117 p. Dissertação (mestrado em Ensino e História de ciências da terra) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** São Paulo: Edusp, 2004 [1979].

_____. **Anatureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4ª. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Pobreza urbana.** 3ª. ed. São Paulo: Edusp, 2009a [1978].

_____. **Por uma economia política da cidade.** 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2009b [1994].

SCOTERGAGNA, A. **Trabalhos de campo nas disciplinas de geologia introdutória: cursos de Geografia no Estado do Paraná.** 2001. 122p. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

Artigo recebido em 04/07/2014 para avaliação e aceito em 01/11/2014 para publicação.